

## A ESTRUTURAÇÃO DO LÉXICO E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Maria Tereza Camargo Biderman\*  
UNESP

### 1 – O PROCESSO DE NOMEAÇÃO LEXICAL E A COGNIÇÃO DA REALIDADE

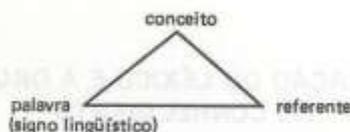
O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. Por outro lado, podemos afirmar que, ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na Bíblia, em que Deus incumbiu ao primeiro homem dar nome à toda a criação e dominá-la.

A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras.

---

\* Professora Dra. Maria Tereza Camargo Biderman, Titular aposentada do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, UNESP, Campus de Araraquara.

O triângulo semiótico, ou triângulo da significação, proposto por Ogden & Richards (1923), ilustra bem o que são esses signos.



Os conceitos são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados surgem as categorizações lingüísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. Assim, podemos afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos que simbolizam os referentes.

## 2 – SISTEMAS CLASSIFICATÓRIOS DAS LÍNGUAS NATURAIS

O processo de cognição e de apropriação do conhecimento assumiu formas distintas, ou seja, os sistemas lexicais das numerosíssimas línguas naturais (vivas ou mortas). Embora provavelmente se baseiem num processo de conceptualização universal, as línguas constituem sistemas muito distintos e variados. A conceptualização da realidade configura-se lingüisticamente em modelos categoriais arbitrários não coincidentes. As categorias lingüísticas não são nem coincidentes, nem equivalentes, embora possamos admitir que as línguas naturais tenham tipos de semântica universalmente compreensíveis.

O universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito, portanto, como um sistema de categorias léxicas. As palavras geradas por tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio.

Vale a pena insistir no fato de que as categorias léxicas variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos categoriais.

## 3 – A VASTIDÃO DO *THESAURUS* VOCABULAR – NECESSIDADE DE ORDENAÇÃO LÓGICA

O léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística que tem uma história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um *thesaurus*, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. Os modelos formais dos signos lingüísticos pré-existent, portanto, ao indivíduo. No seu processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que formatam o sistema lexical. Ora, o *thesaurus* vocabular é enorme em qualquer língua de civilização. Numa língua como o português podemos especular que esse *thesaurus* atinja talvez 400.000 unidades, incluindo-se nesse total as palavras de uso comum, as desusadas, as obsoletas, os regionalismos e os tecnicismos. Contudo, se computarmos os vários significados das palavras polissêmicas esse número pode crescer muito. É evidente que nenhum indivíduo possui um banco de dados tão volumoso na sua memória. A lexicóloga francesa J. Rey-Debove avalia que um homem médio de cultura domina 20.000 itens lexicais no seu vocabulário ativo e passivo, podendo tal quantitativo elevar-se a 30 ou 40 mil, considerando-se apenas o vocabulário passivo nas pessoas de grande cultura. Ainda que sejam 20.000 unidades, de qualquer forma trata-se de um número elevado de elementos que o cérebro deve manipular. Se somarmos a esse obstáculo numérico o problema que resulta da complexidade combinatória desses elementos, é necessário supor que o cérebro humano precisa dispor de um sistema operacional extremamente eficiente na manipulação desses dados. Suponho que o cérebro organiza uma estruturação dos lexemas de grande funcionalidade para que, em milésimos de segundo, possa recuperar não só o significado de uma palavra, mas também todas as suas características gramaticais e os usos que lhe são adequados conforme o contexto do discurso, o tipo de discurso, a situação momentânea e o registro lingüístico requerido pela situação, pelo interlocutor e pelo assunto. Daí a necessidade absoluta de ordenação lógica do léxico; caso contrário, o indivíduo jamais poderia recuperar na sua memória um lexema específico para

uma sentença particular que quer construir, ou que ouviu ou leu e deve decodificar. Em função dessa necessidade e da configuração do patrimônio lingüístico herdado, o léxico se estrutura segundo padrões hierárquicos e sistemáticos.

#### 4 — ESPECIFICIDADE DAS CATEGORIAS SEMÂNTICO-LEXICAIS

Cada língua tem o seu próprio sistema classificatório. É verdade que línguas da mesma família lingüística (caso das línguas românicas) possuem modelos formais semelhantes. Nas línguas latinas o modelo categorial básico de classificação dos signos é binário: gênero masculino e gênero feminino. Tal oposição binária tem uma causa histórica: na matriz latina um modelo de discriminação ternária já existia — masculino x feminino x neutro, modelo esse que inclui nosso padrão binário. Historicamente a discriminação tem motivação no traço sêmico "sexo", reforçado por um componente semântico cultural: o papel do homem diverso da mulher nas sociedades latinas.

Entretanto, só a partição em dois grandes conjuntos não é obviamente funcional. Vou exemplificar com a língua portuguesa mas as considerações teóricas genéricas aqui lembradas servem para as línguas irmãs e, grosso modo, para as demais línguas. Há modelos paradigmáticos formais no interior da classe dos nomes masculinos e no interior da classe dos nomes femininos, expressos pelos sufixos derivacionais e geradores de palavras. Herdamos do latim vulgar matrizes formais e sêmicas, às quais se acrescentaram outras, contendo novas discriminações semânticas e formais. Ao término do processo evolutivo que gerou o português moderno (séculos XV e XVI) nosso sistema léxico apresenta catorze modelos categoriais para o substantivo e dois para o adjetivo, cuja vitalidade é muito diversa. Claro está que me refiro ao signo total conforme indicações acima: palavra — conceito — referente (significado/significante). No caso do substantivo há duas matrizes de alta frequência: o 1º tipo é aquele em que o gênero é imotivado e para o qual não existem pares léxicos associados semântica e formalmente, tais como: o abraço, a paz, o congresso, a constituição, etc.; o segundo tipo é aquele em que existem itens lexicais na língua que se opõem e/ou associam, tanto na sua face de significante como de

significado, tais como: o amigo/a amiga; o menino/a menina, etc. O primeiro tipo é indubitavelmente o mais freqüente em português, sobretudo porque as palavras abstratas são mais numerosas do que aquelas que designam referentes concretos. Com respeito à discriminação semântico-formal que opõe seres do sexo masculino a seres do sexo feminino, o português possui vários modelos de vitalidade baixa na língua, a saber:

3º) o cantor/a cantora, o doutor/a doutora, o professor/a professora, o camponês/a camponesa, o espanhol/a espanhola;

4º) o patrão/a patroa, o cidadão/a cidadã, o solteirão/a solteirona;

5º) o artista/a artista, o dentista/a dentista.

Alguns são de uso raro na língua e poderíamos quase considerá-los categorias em extinção. Trata-se quase exclusivamente de modelos herdados do latim, ou gerados pelo português arcaico ou dos primeiros tempos, tais como:

10º) o ator/a atriz; o embaixador/a embaixatriz

7º) o príncipe/a princesa; o conde/a condessa

8º) o poeta/a poetisa

9º) o herói/a heroína

6º) o mestre/a mestra

11º) o avô/a avó

12º) o europeu/a européia

13º) o judeu/a judia

14º) boi/vaca (formas heterônimas)

O tipo 14º, constituído por lexemas que só se associam ao nível do significado, mas formado por radicais, totalmente distintos, totalizam um subconjunto reduzido. Incluem-se aí alguns signos referentes a animais cuja domesticidade fez com que a nossa cultura latina herdada, continuada na história portuguesa e brasileira, criasse pares heterônimos, a saber: boi/vaca; bode/cabra; galo/galinha; carneiro/ovelha; cavalo/égua. A esse subconjunto juntam-se os designata nomeadores de humanos: padrinho/madrinha; homem/mulher; genro/nora, etc.

Além desses treze pares binários, somados ao primeiro tipo, devem ser lembrados ainda os modelos uniformes para indicar humanos e portanto, sexuados. Culturalmente porém, o traço sêmico (sexo) não se fez acompanhar lexicamente de pares masculino & feminino, indicando que tal traço não teria relevância no

caso específico. São exemplos: os sobrecomuns (a criança, a testemunha), e vocábulos isolados como o diabo, a corista, o bispo, etc. Outro caso elencado pelas gramáticas: os epicenos (o corvo macho/o corvo fêmea; a cobra macho/a cobra fêmea). Tal categoria parece uma fantasia gramatical que os gramáticos das línguas latinas vêm repetindo desde a Renascença, aliás, copiando erroneamente a gramática grega. Esse modelo categorial não corresponde ao uso vivo da língua, já que nunca ouvi (nem creio que alguém tenha ouvido) um falante usar o epíteto "macho", ou "fêmea", para uma cobra, p. ex. Ademais, a nós que não somos zoólogos, não nos interessa o sexo da cobra e tão pouco seríamos capazes de distingui-lo, pois essa diferença sexual e sêmica não é facilmente visível para o leigo como é o caso dos animais domésticos (touro/vaca; galo/galinha, etc.).

Esses 14 modelos semântico-formais operam apenas no domínio de uma das classes de palavras: o substantivo. Contudo, trata-se da classe por excelência, com respeito ao processo da nomeação, referido no início deste artigo. As duas outras classes que englobam as palavras de significação, a saber: o adjetivo e o verbo — são menos importantes ao nível do processo de nomeação e, portanto, de categorização lingüística do universo. O triângulo da significação, ou triângulo semiótico (cf. gráfico acima) aplica-se à categoria do substantivo, exatamente porque é a essa classe que incumbe a nomeação das coisas, seres, objetos, referentes enfim. Fique, pois, esclarecido desde já, que a descrição de modelos que será feita a seguir, dá conta somente da classe dos substantivos. Para completarmos a descrição dos processos semântico-formais de nomeação e/ou geração do léxico, precisaríamos fazer o elenco das matrizes adjetivais e verbais.

A classe dos substantivos engloba a grande maioria dos lexemas de uma língua, sendo o substantivo, de longe, a mais numerosa classe de palavras. Podemos especular sem muito risco de erro que, em português, esse conjunto de elementos ultrapassa o número de 100.000 se o acervo vocabular da língua totalizar umas 400.000 unidades. Ora, do ponto de vista morfossintático, esse estoque gigantesco de palavras conforma-se com o 1º tipo de matrizes referidas no início deste capítulo 4. Explicitando melhor: gramaticalmente essas unidades constituem um conjunto marcado pelo traço morfossintático + masculino, ou + feminino, depen-

dendo de ser a palavra da classe dos masculinos, ou do femininos. Evidentemente essa única discriminação, no geral imotivada porque o gênero aqui geralmente nada tem a ver com os semas (macho) vs. (fêmea), ou (homem) vs. (mulher), não constitui instrumento eficaz de ordenação e organização do vocabulário. Assim, a língua precisa de outro sistema classificatório no interior desse vasto conjunto de elementos, para poder operacionalizá-lo ao manipular a significação do signo lingüístico. Eis por que o português dispõe de um grande número de modelos classificatórios para o substantivo, modelos esses que são também matrizes geratrizes de novas unidades do vocabulário. Tais modelos semântico-formais permitem a ordenação das unidades a partir de sua desinência sufixal. Deve-se esclarecer ainda que, embora os modelos que vamos elencar e ilustrar formem e/ou gerem a grande maioria dos substantivos, existem, além disso, um número não muito grande (de 2.000 a 3.000) de palavras que constituem o léxico fundamental ou vocabulário básico do português que não se enquadram dentro desses modelos. Esse pequeno repertório (pequeno face ao *thesaurus* da língua) compreende o acervo vocabular herdado do latim no geral, ou formado no português desde longa data. Se de um lado, ele não é muito numeroso, porém, do ponto de vista da frequência, constitui o conjunto de elementos mais usados e podem mesmo ser considerados como primitivos léxicos.

A seguir, alistamos os morfemas sufixais que formam e/ou geram substantivos e ao mesmo tempo os categorizam. Cada morfema sufixal é acompanhado de uma série de lexias ilustrativas do mesmo, bem como de uma explicação sobre o seu valor nocional.

- ada: boiada, garotada, papelada; bocada, colherada; penada, pincelada; dentada, punhalada; bananada, goiabada; ninhada; saraivada; inverno, temporada.  
Indica coletivo, ou ação, ato, resultado de ação, etc. Sufixo muito produtivo.
- ado: bispado, condado, principado.  
Indica território subordinado a um titular. Pouco produtivo.
- ato: almirantado, baronato, cardinalato.  
Indica uma dignidade. Pouco produtivo.

- agem: aprendizagem, corretagem → **noção**: ação, processo; folhagem, plumagem → **noção**: coletivo.
- al: cafezal, canavial → **noção**: coletivo; areal, lamaçal → **noção**: coletivo.
- alha: canalha, gentalha → **noção**: pejorativa.
- ama: dinheirama.
- ame: vasilhame → **noção**: quantidade.
- aria: carpintaria, churrascaria, livraria, padaria, papelaria, pizaria, marcenaria, sapataria → **noção**: atividade, ramo de negócio; gritaria, pedraria → **noção**: coletivo; patifaria, pirataria, pescaria → **noção**: ação.
- eria: choperia, doceria → **noção**: local de negócio.
- ário: operário, portuário, secretário, panfletário, proprietário, funcionário, locatário, signatário → **noção**: agente, ator, profissão, ofício; herbário, vestiário → **noção**: local onde se faz alguma coisa.
- edo: arvoredado, vinhedo; lajedo, passaredo → **noção**: coletivo.
- eiro(a): barbeiro, copeira, pistoleiro, torneiro → **noção**: profissão, ofício; galinheiro, madreira → **noção**: local onde se guarda; chaleira, leiteira, cinzeiro → **noção**: objeto de uso; berreiro, formigueiro → **noção**: coletivo; goiabeira, laranjeira, pessegueiro → **noção**: árvore frutífera.
- ia: advocacia, agronomia, engenharia → **noção**: profissão; delegacia, reitoria, joalheria, sacristia → **noção**: lugar onde se exerce uma atividade.
- io: casario, compadrio; alvedrio, desvario, calafrio, fastio, feitiço, plantio, poderio → difícil agrupar sob uma só noção.
- ite: bronquite, faringite, gastrite, hepatite, tiroidite → **noção**: inflamação.

Observe-se que as noções genéricas veiculadas pelos sufixos são um tanto vagas. Não é possível precisar muito bem porque os semas de base do lexema (ou raiz) envolvem o conteúdo da pala-

vra, dificultando a determinação precisa do valor semântico desses morfemas. Note-se que é mais destacável e independente o significado de um prefixo relativamente às palavras do que o de um sufixo.

Esta primeira lista de sufixos substantivais acima alistados, não esgotam os modelos existentes em português. Possuímos ainda:

a) Sufixos formadores de substantivos a partir de adjetivos, indicando qualidade ou característica do que é qualificado pela base adjetiva; por exemplo: "amabilidade = qualidade do que é amável".

- dade, (i)dade: amabilidade, barbaridade, crueldade, facilidade, imbecilidade, lucratividade, maldade, neutralidade, passividade, senilidade, vulgaridade, vulnerabilidade; → muito vivaz e produtivo.
- (i)dão: amplitão, aptidão, devassidão, escravidão, gratidão, inexistência, mansidão, rouquidão, servidão; → muito vivaz e produtivo.
- ez: altivez, honradez, insipidez, invalidez, limpidez, lividez, nudez, nudez, placidez, polidez, timidez; → bastante vivaz.
- eza: beleza, boniteza, braveza, clareza, esperteza, fraqueza, gentileza, grandeza, incerteza, largueza, leveza, limpeza, pobreza, presteza, realeza, riqueza, safadeza, tristeza; → muito vivaz e produtivo.
- ia(aria): alegria, autonomia, burguesia, cortesia, descortesia, maioria, melhoria, mesquinha, tirania, valentia, velharia; → muito vivaz.
- ice: burrice, canalhice, denguiço, doidice, faceirice, fidalguice, garotice, idiotice, meiguice, maluquice, sandice, tolice, velhice; → pouco produtivo.
- fície: calvície, imundície; → raras palavras seguem este modelo.

- or: alvor, amargor;  
→ raras palavras seguem este modelo.  
Embora não sejam derivados de adjetivos como os dois exemplos acima, mas empréstimos feitos ao latim, poderíamos incluir nessa categoria:  
clangor, estupor, fragor, fulgor, langor, primor, rigor, vigor.
- (i)tude: altitude, amplitude, atitude, beatitude, inquietude, juventude, latitude, longitude, magnitude, quietude, plenitude, solicitude;  
→ poucas palavras conforme este modelo, geralmente latinismos.
- ura: alvura, amargura, brancura, randura, cercadura, cobertura, fechadura, feiura, ferradura, formosura, ligadura, loucura, rachadura, rasgadura, semeadura.

b) Substantivos derivados tanto de substantivos como de adjetivos:

- ismo: anarquismo, budismo, capitalismo, catolicismo, cristianismo, empiricismo, fascismo, hitlerismo, mercantilismo, racionalismo; → noção: doutrina ou sistema;  
cinismo, fatalismo, dogmatismo, heroísmo, humanismo, nacionalismo, otimismo, patriotismo, pessimismo, simplismo; → noção: modo de pensar, de proceder.

c) Substantivos derivados de verbos:

- ância: abundância, alternância, concordância, discordância, dominância, exorbitância, importância, observância, relutância, repugnância, tolerância; → noção: ação, fato, resultado (efeito) ou estado da noção verbal expressa pela base (raiz), i. e., "abundância = estado do que abunda, existe em grande quantidade"; "alternância = fato, resultado, efeito de alternar".

Os três sufixos indicados, a seguir, também têm o mesmo valor nocional de -ância, sendo todos variantes de um mesmo morfema.

- ência: advertência, ascendência, coincidência, concorrência, condescendência, convivência, diligência, falência, ingerência, insolvência, pendência, preferência, referência, saliência, transparência.
- ança: abastança, cobrança, desconfiança, intemperança, lembrança, mudança, ordenança, poupança, segurança, semelhança, temperança, vingança, vizinhança.
- ença: crença, desavença, descrença, diferença, doença, licença, nascença.

Noção de agente, ator (derivado do particípio passado do verbo incluso na base ou radical):

- ante: bandeirante, comandante, comediante, despachante, estreante, estudante, fabricante, farsante, feirante, navegante, postulante, sitiante, traficante, visitante;
- ente: agente, cliente, combatente, descendente, lente, nutriente, paciente, parturiente, regente, requerente, servente, subconsciente, vidente;
- inte: constituínte, contribuinte, ouvinte, radiouvinte;
- (d)or: comprador, expectador, fiador, governador, investidor, investigador, jogador, mergulhador, nadador, navegador, negociador, pagador, pescador, plantador, pregador, recebedor, trabalhador.  
São variantes cultas do sufixo -dor: -tor e -sor.
- tor: benfeitor, corretor, delator, desertor, diretor, editor, eleitor, escritor, infrator, instrutor, locutor, sedutor, tradutor;
- sor: agressor, assessor, censor, confessor, intercessor, invasor, precursor, professor, repressor, revisor, sucessor.

Noção: instrumento, coisa ou objeto que gera, produz uma ação ou processo:

- dor: apagador, bronzeador, coador, descaroador, liquidificador, lustrador (produto para lustrar), refrigerador, regador, regulador, simulador;

- tor: coletor, corretor (produto para corrigir erros), extintor, interruptor, reator, receptor, redutor, seletor, trator;
- sor: ascensor, censor, compressor, conversor, cursor, divisor, impressor(a), transmissor, visor.

**Noção:** ação, fato ou resultado (efeito) do conceito incluso na base verbal (radical):

- ção: → é o mais vivaz de todos os sufixos geradores de substantivos, formando assim o maior número de palavras abstratas, femininas, da língua portuguesa. Alguns exemplos: agilização, classificação, coagulação, codificação, comunicação, difamação, dissecação, fabricação, gratificação, integração, interpelação, locação, majoração, marcação, marginalização, nomeação, operacionalização, oscilação, profissionalização, radiação, radicalização, reconciliação, recomendação, repetição, saturação, tapeação, utilização.

A variante -são (ssão) tem o mesmo significado:

agressão, convulsão, corrosão, demissão, discussão, emissão, oclusão, percussão, repercussão, sucessão.

Outra variante -ão (tão) também com o mesmo significado:

arrastão, combustão, digestão, inflexão, ingestão, puxão, reflexão,

- mento: → exemplo: "casamento = ação, fato ou resultado de casar". Sufixo muito vivaz, gerador de numerosas palavras da língua, masculinas. Provavelmente o mais frêquente depois de -ção e suas variantes. Outros exemplos: abatimento, amolecimento, arrependimento, atendimento, cruzamento, cumprimento, depoimento, desenvolvimento, estremecimento, experimento, ferimento, impedimento, levantamento, melhoramento, requerimento, revestimento, sangramento, tombamento.

Outros sufixos que também indicam "ação, fato ou resultado (efeito) do conceito expresso pela base verbal:

- (d)ura: arranhadura, assadura, atadura, cercadura, fervura, investidura, procura, queimadura, quentura, semeadura, varredura.

Às vezes, a noção de resultado, efeito da ação, evolui metonimicamente, passando a denominar o objeto, a coisa que causa tal efeito. Assim em: abotoadura, atadura, fechadura.

Esse sufixo também tem duas variantes mais eruditas, a saber:

- (t)ura: acupuntura, agricultura, avicultura, escravatura, formatura, fritura, legislatura, leitura, pintura.

Pode ainda indicar o objeto, a coisa, resultante da ação e/ou do processo, como em: escritura, fatura, gravura.

- (s)ura: agrimensura, censura, clausura, fissura, mesura, tonsura.

**Noção:** lugar onde se dá uma ação, ou processo, ação ou processo esse indicado pela base verbal:

- douro: ancoradouro, bebedouro, comedouro, embarcadouro, logradouro, sorvedouro, sumidouro; → incomum, pouco usado;
- tório: ambulatório, crematório, dormitório, lavatório, parlatório, purgatório, refeitório, sanatório.

## 5 – TAXIONOMIAS TÉCNICO-CIENTÍFICAS\*

A etapa mais primitiva de cognição da realidade pode ser identificada com a geração do léxico básico e mais antigo das línguas naturais. À medida que as comunidades humanas desenvolveram progressivamente seu conhecimento da realidade e tomaram posse do mundo circundante, o homem criou as técnicas e depois as ciências. Assim as comunidades que atingiram tal estágio de civilização, precisaram ampliar sempre mais seu repertório de signos lexicais para designar a realidade da qual tomavam consciência, ao mesmo tempo que precisavam rotular as invenções e noções novas

\* Taxionomie ou taxonomia (do grego táxis, ordem, ordenação + nōmos, lei, norma, regra) = ciência da classificação; ciência das leis e princípios que normatizam a classificação dos objetos.

por elas desenvolvidas. Eis por que o léxico das línguas vivas usadas pelas sociedades civilizadas vive hoje um processo de expansão permanente. É o léxico o único domínio da língua que constitui um sistema aberto, diversamente dos demais — fonologia, morfologia e sintaxe — que constituem sistemas fechados.

As designações dos referentes criados pelas técnicas e pelas ciências constituem as taxionomias técnico-científicas. São essas taxionomias as responsáveis pelas dimensões gigantes do léxico de uma língua de civilização como o português. Essas taxionomias são sistemas classificatórios formatados segundo normas e discriminações científicas e, portanto, não mais empíricas como nos primórdios da história das sociedades humanas. Contudo, cada comunidade humana que forja o seu instrumental lingüístico para designar conceitos novos utiliza o modelo lingüístico herdado por seu grupo social. Assim os termos técnico-científicos são gerados com base na lógica da língua em questão, segundo os padrões lexicais nela existentes.

No português a terminologia técnico-científica que hoje está sendo criada em decorrência das descobertas e avanços das técnicas e das ciências, seguem ou devem seguir, os modelos semântico-formais existentes no nosso idioma. No caso de substantivos, se formariam pelos modelos descritos acima. Devo lembrar que não inclui nesse elenco o rol dos prefixos que são, aliás, extremamente vivazes como instrumentos de geração lexical. Não o fiz pela razão seguinte: embora os prefixos sejam importantes na criação lexical, particularmente no domínio de algumas ciências (a medicina e a biologia, por exemplo), não influem no processo de categorização e de discriminação morfossintáticas, pois no português esse processo se dá a partir da terminação da palavra e não do seu início.

Atualmente o vocabulário técnico-científico está-se anglicizando aceleradamente, em virtude dos numerosíssimos empréstimos do inglês que vêm sendo feitos por cientistas e técnicos, que utilizam essa língua como modelo lingüístico nas suas criações neológicas. Vários trabalhos lexicológicos feitos sobre os neologismos recentes do português, particularmente os da profª lida Maria Alves (UNESP, Assis), têm demonstrado a dominância do inglês no processo de expansão do léxico do português. É verdade que esse fenômeno não está ocorrendo apenas com o português,

mas com todas as modernas línguas de civilização. De fato, o inglês tornou-se a língua universal da ciência e da tecnologia, bem como de outros domínios. Como decorrência os neologismos taxionômicos surgidos no inglês, propagam-se para outras línguas. Esses neologismos criados segundo modelos categoriais dessa língua invadiram o nosso idioma, constituindo assim um grande contingente de vocábulos não passíveis de classificação pelos padrões do português. A grande maioria desses empréstimos estrangeiros são taxionomias técnico-científicas, muitas das quais de origem greco-latina, pois o inglês usa freqüentemente raízes gregas e latinas na geração neológica. Contudo, tais raízes são prefixos e não sufixos normalmente. Seja como for, permanece a questão da configuração exótica dessas neologias, pois a categorização em português faz-se através das desinências como já se lembrou. Os anglicismos freqüentemente são transposições literais do inglês, sem quaisquer adaptações aos padrões lexicais e fonológicos do português. Do ponto de vista da Lexicologia Portuguesa é criticável o fato de que os criadores de neologias, às vezes, fazem criações grotescas, usando, por exemplo, a base inglesa verbal como núcleo lexical acrescentando-lhe um sufixo português. De "to access = ter acesso a", extraiu-se *acessar*; de "to plot = fazer um plano, um mapa, um diagrama", fez *plotar*, para citar um exemplo.

Deve-se lembrar ainda outros processos neológicos de criação lexical, não comentados neste artigo: a composição (justaposição e aglutinação) e as gerações semânticas tais como: a ampliação do âmbito de significação de um item lexical e a conversão gramatical, a saber: a geração de uma palavra de uma dada classe a partir de outra palavra já existente, porém, categorizada diversamente; por ex., de um adjetivo faz-se um substantivo.

As criações neológicas têm inchado o léxico português aceleradamente. Por essa razão sobretudo, é importante a organização racional desse *thesaurus* em uma rede semântico-lexical de vocábulos estruturalmente ordenados e classificados, de tal forma que possam ser recuperados rapidamente quando o falante deles precisar. É verdade que as taxionomias constituem bancos de dados tão imensos que nenhuma memória humana poderá armazená-los para usá-los eficazmente. Por essa razão os homens têm elaborado glossários e dicionários, consultando essas obras de referência quando necessário. De qualquer forma um erudito, ou mes-

mo um homem comum, domina um certo repertório vocabular técnico-científico ademais do vocabulário comum, que usa eventualmente. Assim é que a falante elabora padrões lexicais de classificação e identificação de seu vocabulário ativo e passivo, padrões esses que se pautam pelos modelos vigentes na comunidade lingüística de que faz parte. E são eles que lhe servirão de parâmetro na tarefa de identificar palavras ouvidas ou lidas, ou no uso vivo e criativo que ele próprio fizer da língua.

## BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ieda M. "A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português", in *ALFA*, São Paulo, 28 (supl.): 1984, 119-126.
- BIDERMAN, M. T. C. *Teoria lingüística* (Lingüística, quantitativa e computacional). Rio de Janeiro, LTC Editora, 1978.
- . "A estruturação mental do léxico", in *Estudos de filosofia e lingüística* (em homenagem a J. N. Salim). São Paulo, T. A. Queiroz/EDUSP, 1981, p.131-145.
- CUNHA, C. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, MEC-FENAME, 1975.
- GECKELER, H. *Semántica estructural y teoría del campo léxico*. Madrid, Gredos, 1971.
- LENNEBERG, E. H. *Fundamentos biológicos del lenguaje*. Madrid, Alianza Editorial, 1975.